



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1118	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
	36 n.º	18 n.º	6 n.º	4 entrega		
Portugal (franco de porte) m. forte...	35\$000	18\$000	6\$000	120	20 de Janeiro de 1910	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)...	42\$000	22\$000	7\$000	120		
Extrangeiro e India...	55\$000	28\$000	9\$000	120		

Centenario de José Estevam

O nosso numero do Natal e os temporaes e inundações que constituiram o principal assunto do primeiro numero deste anno, não permitiram que mais cedo nos occupassemos nesta revista do Centenario do nascimento de José Estevam, cujo passou no dia 26 de dezembro.

Tinhamos que dedicar algumas illustrações e algumas linhas a registar a comemoração publica que se fez do nascimento deste grande português, comemoração realisada em Lisboa onde vicejaram os louros que lhe coroaram a frente iluminada, e em Aveiro que teve a gloria de lhe ser berço.

Como distantes vão os tempos em que conhecemos o grande orador, cuja figura mediana ficava áquem da sua extraordinaria estatura moral. O Mirabeau português, como justamente lhe chamaram, era de aspéto insinuante, simpatico, ampla frente, mais ampla ainda porque os cabellos a não afrontavam e só lhe cahiam para traz naquella tradicional cabeleira romantica que distinguia os intellectuaes de então; bigode e pera fartos sob o nariz aquilino, olhar vivo, penetrante, uma formosa cabeça, enfim, que só por ella não se pareceria seguramente com Mirabeau. Gesto largo e expansivo, impondo-se naturalmente quando falava, facil, fluente, repentista, a quem o áparte do adversario não desconcertava e muita vez até lhe dava tema para confundir o entremetido, com um dito de esmagar. Nunca nenhum outro orador lhe levou a melhor discutindo com elle, porque afinal a sua palavra era fulminante.

Escrevendo não tinha o mesmo poder, ainda que elle raro escrevia mas sim ditava. E' que faltava o prestigio do orador, o som da sua voz, o intencional da



ESTATUA DE JOSÉ ESTEVAM NO SEU MONUMENTO DE AVEIRO
Esculptura de Simões de Almeida

sua dição, o insinuante da sua figura.

Homem de genio livre, tão livre como as aves que dominam os ares, tinha o culto da liberdade pela qual combateu com as armas e com a palavra. Era a sua unica ambição, o ideal por que se sacrificava, sem transigencias, sem convencionalismos, sempre na brecha da opposição aos governos, só pelo seu espirito combativo.

Foi dos primeiros deputados liberaes que entrou na camara, eleito por Aveiro em 1837, e na camara foi o seu posto até 1862, anno em que faleceu. Vinte e cinco annos de parlamentarismo, e não foi conselheiro, nem director geral, nem ministro!!

Eram assim muitos dos homens daquelles tempos de romantismo, como hoje chamam, desprendidos, só absorptos no seu ideal, fieis aos seus principios.

Foi assim José Estevam, o grande caudillo dos principios liberaes neste país.

E' de todo o ponto legitima a comemoração feita a estes vultos da nossa historia, que quanto mais se vão distanciando do presente mais se engrandecem a nosso espirito, nestes tempos apoucados e egoistas em que vivemos.

CAETANO ALBERTO.

Notas biograficas

Nasceu José Estevam Coelho de Magalhães na antiga cidade de Aveiro, em uma casa da rua dos Mercadores, na qual foi colocada uma lapide comemorativa como se vê da gravura que acompanha estas linhas. Ali nasceu, pois, a 26 de dezembro de 1800 sendo batizado cinco dias depois, a 1 de janeiro de 1810 na igreja parochial de Nossa Senhora da Apresentação, pelo vigario Manuel Rodrigues Tavares de Araujo Taborda.

Filho do medico Luis Ci-

priano Coelho de Magalhães e de sua mulher D. Clara Miquelina de Azevedo, aprendeu instrução primaria com o mestre regio Custodio José Baptista e depois latim com o professor José Lucas de Sousa da Silveira. Estudou preparatorios e por fim matriculou-se na faculdade de Direito



CASA ONDE NASCEU JOSÉ ESTEVAM

da Universidade de Coimbra, onde se encontrava com dezoito annos de idade, em 1828, quando em maio se revoltou com outros seus condiscipulos, contra o governo, e teve de emigrar para Inglaterra e depois para os Açores, donde veio com o exercito de D. Pedro desembarcar na Arenosa de Pampelido, em 1832, fazendo parte dos celebres bravos do Mindelo. Assim entrou nas campanhas da Liberdade, combatendo nas acções da Serra do Pilar, Almoster, Flexa dos Mortos, Asseiceira e outras, onde se bateu como o mais valente de seus companheiros de armas, alcançando o posto de tenente de artilharia.



EGREJA ONDE FOI BATISADO JOSÉ ESTEVAM

Estas foram as primeiras glorias da sua vida; mas depondo as armas, em 1837, e voltando para Coimbra a concluir sua formatura, nesse mesmo anno foi eleito deputado por sua terra natal, deixando o banco da escola pela cadeira do parlamento, que era então a arena onde se batiam os mais fogazes defensores das liberdades, não hesitando perante a revolução, que José Estevam era o primeiro a acender contra o governo de Costa Cabral, que afinal só tinha o defeito de ser o primeiro ministro que pedia sacrificios ao povo, aumentando-lhe os tributos, e pedia ás camaras

autorisação para contrafr um emprestimo de quinhentos contos, levantando se os deputados indignados, pondo o chapéu na cabeça e virando-lhe as costas.

Pois bem, mas os liberaes não consentiam que se bulisse na Carta nem se expoliasse o povo e então apelavam para a revolta pondo-se á frente José Estevam, que estava no seu elemento combativo. Foi assim que elle entrou na frustrada revolução de Torres Vedras de 1846; tendo novamente de emigrar para o estrangeiro e só voltando quando a causa da *Pstoleia* triunfou.

Em 1840 alcançou em brilhante concurso a cadeira de lente de economia politica da Escola Politecnica de Lisboa, e foi este, que sabemos, o unico emprego official que desempenhou, conquistado por seu talento. Neste mesmo anno fundou com Antonio Rodrigues Sampaio o famoso jornal de combate, a *Revolução de Setembro*, que muitos dos que nos lerem terão ainda conhecido.

Para essa fundação associou-se com Manuel José Mendes Leite, tendo por director da tipografia, Luis Coutinho, que acompanhou esse jornal até á morte.

A *Revolução de Setembro* foi um dos mais temiveis jornaes de combate daquelles tempos, completando Rodrigues Sampaio na imprensa, com a sua pena vigorosa e enimitavel, a obra revolucionaria que José Estevam levantava no parlamento com o seu verbo invencivel.

São estas as linhas geraes da biografia de José Estevam, que faleceu a 5 de novembro de 1862, aconetido por uma congestão e em virtude, segundo se disse, de um banho demasiado quente em que o medico chamado e seu amigo intimo, dr. Thomaz de Carvalho, o mandou meter, mas de que o tiraram já cosido.

Comemoração do Centenario

Como dissémos, em Lisboa e Aveiro foi comemorado o centenario de José Estevam.

Em Lisboa organiou-se uma grande comissão em que entraram personalidades de todos os partidos, a qual promoveu a colocação de uma lapide na casa da rua Formosa, n.º 121, onde faleceu o notavel tribuno. Esta cerimonia foi muito concorrida e ali o sr. dr. José de Castro fez o elogio de José Estevam.

Houve tambem uma manifestação popular junto ao monumento no largo das Côrtes, onde foram co'ocadas muitas flôres.

Depois houve uma conferencia pelo sr. dr. Egas Moniz, no Asilo de S. João, fundado por José Estevam. Esta conferencia foi muito concorrida, representando o governo o sr. dr. Henrique Schindler. Presidiu á conferencia o sr. dr. Bernardino Machado. O Asilo esteve nesse dia em festa, sendo o jantar das educandas melhorado como nos dias solemnes.

Na camara municipal houve á noite uma sessão solemne promovida pela *Associação de Socorros Mutuos José Estevam Coelho de Magalhães*.

Em Aveiro houve festas publicas com assistencia das autoridades, nos dias 26 e 27, principian-do por um bôdo a 250 pobres, depois houve um cortejo civico, em que tomou parte todo o elemento official, banda militar, corporações particulares, grande numero de creanças com ramos de flôres, etc., que percorreu as principaes ruas da cidade, visitando a casa onde nasceu o notavel aveirense, o monumento, a escola e o jazigo para onde os seus restos mortaes foram levados de Lisboa em 1864.

O monumento ao grande tribuno foi mandado erigir por seus contreraneos em 1889 e a estatua que roproduzimos na primeira pagina deste numero, é uma das mais inspiradas obras de Simões de Almeida.

Outro monumento a José Estevam lhe erigiu agora em Aveiro o *Club dos Gallitos*. É um elegante obelisco comemorativo do centenario, erigido na Praça do Comercio.

Assim, os filhos de Aveiro não esqueceram o seu glorioso contreraneo que é tambem uma gloria de Portugal.

Nos Açores, na cidade da Horta tambem foi celebrado o centenario de José Estevam, por iniciativa da camara municipal, sendo colocada uma lapide comemorativa na casa da, hoje rua Serpa Pinto, n.º 24, onde elle residiu nos annos de 1831 a 1832, e donde veio para o continente com as tropas de D. Pedro IV.

CHRONICA OCCIDENTAL

A moda agora é delirar por conferencias. Todos fazem conferencias, e fazem-se conferencias sobre tudo, a respeito de tudo a proposito de tudo.

A moda é assim. E, todavia, costuma-se dizer que a moda é a inimiga da rotina e da banalidade. Não é tal. A moda não é senão a propria rotina e a propria banalidade exercidas a prazos determinados.

O que se dá com o feitio dos chapéus, a côr das fazendas, o bico da bota, etc., dá-se exactamente com as idéas, e suas diversas fórmulas de expressão. Espreite-se o momento em que chega de Paris ou Londres um collarinho de novidade para o Pitta, ou um chapéu de senhora *dernier cri* para o salão Mimoso, e não tardará que se veja a Rua do Oiro pejada de janotas com collarinhos eguaes á amostra, cruzando-se com as madamas e as meninas que têm de andar a afastar-se umas das outras num incessante afasta-menina-afasta, para poderem deixar passar as abas e as cópas dos chapéus, todos feitos pelo mesmo estapafurdio modêlo.

Ha porventura maior sensaboria, ou indicio melhor de falta de espirito, para não dizer outra coisa?

Andar á moda ou ir com a moda, nisto ou naquillo, não passa afinal de uma deploravel prova de tacanhez de animo. A moda é uma escravidão, uma fórmula de pacividade, uma cobardia.

Estão agora entre nós em moda as conferencias, e o que se vê é isto: algumas centenas de creaturas que se consideram pertencendo a uma condição social em que o interesse pelos assumptos intellectuaes é de obrigação, enchem a sala de um vasto theatro duas vezes na semana, para constituirem o publico a quem é destinada uma série de conferencias d'um forte sabor literario, e de mais a mais expostas numa lingua que, se não lhe é inteiramente estranha, é todavia uma lingua estrangeira, cujas finuras escapam a muitos p'la maior parte, a quasi todos no todo.

Refere-se a chronica ás conferencias do Theatro D. Amelia, não vae mais longe sem testemunhar desde já ao illustre empresario d'aquella casa de espectaculos a sua muita admiração pela habilidade com que o vê puxar a braza para a sua sardinha, ao passo que tantos outros collegas se afogam no fiasco e no prejuizo de muitos contos de réis.



JEAN RICHPIN

Não ha duvida que o prazer de ouvir um homem de talento como é o poeta Richepin, ou uma senhora tambem de talento como é a viuva de Catulle Mendès, não é pequeno prazer; mas quer-se saber até onde vae esse prazer para o publico que enche o theatro do Visconde de S. Luiz de Braga nas noites em que elle annuncia as conferencias de taes notabilidades. Trata-se de um gôso intellectual intenso? Não. Claramente não. Trata-se apenas de um fingimento. Esse publico simula o que não sente, para se dar o ar de uma superioridade de espirito e de educação do espirito, que em boa verdade lhe falta.

Tudo engano, afinal, porque todos nós nos conhecemos muito bem uns aos outros — «de gingeira», como por cá se costuma dizer portuguezmente — e cada qual por si avalia o visinho do fauteuil da esquerda e o visinho do fauteuil da direita, ambos os quaes aplaudiram sem reservas

Richepin e viuva de Mendès. Muitos bravos, muitas palmas, muitas chamadas, mas á boca pequena, para a esposa ou para o amigo íntimo:

— Que massada! que grande massada!

Dizem os francezes que quem ri por ultimo é que ri melhor, e não ha nada mais certo. Ora resta saber quem é que verdadeiramente, neste caso das conferencias de homens e mulheres de genio no Theatro D. Amelia em que ha que rir, virá a rir por ultimo.

O publico, esse com certeza não será, porque ninguém costuma rir da propria asneira.

Os conferentes tambem não, embora podessem rir á custa de quem foi ouvi-los, se chegassem a saber que a maior parte d'aquelles que tanto os admiraram não perceberam nem patavina das preciosidades que elles lhes disseram.



MME. CATULLE MENDÈS

Quem será pois o ultimo a rir, e portanto a rir mais e melhor?

Será o visconde de S. Luiz de Braga.

E ainda bem que o seja, porque só os espertos é que deviam ter direito aos grandes e bons triumphos da vida. Os tolos que se amólem!

O visconde tinha trazido já a Lisboa um bom numero de celebridades de renome universal, como a Sarah, a Duse, o Coquelin e outras, e não era pequeno favor esse que lhe deviamos. Mas a fama de todas essas celebridades terá de ser passageira como todas as famas que morrem com as creaturas que souberam creá-las mas não tiveram o poder de as fazer sobreviver a si proprias. Da Sarah, por exemplo, que ainda é viva, quasi se pôde dizer que só a sombra resta. Isto pensou o visconde, e não descansou enquanto não se deu á extravagancia de trazer e exhibir no palco de D. Amelia um verdadeiro *immortal*.

Como se sabe, todos os membros da Academia Francêsa são tidos por immortaes, e o poeta Richepin é um d'elles. Quando se diz e se supõe que morreu um dos quarenta membros da Academia, ha engano: o que simplesmente aconteceu a esse vulto eminente e illustre foi o ter tido licença illimitada, com a gloria por inteiro. Lá morrer não morreu. Vão descansar, para dar lugar a outros, porque ha sempre muitos que tambem querem para lá ir. Quanto terá custado ao arrojado empregario essa brincadeira é que ninguém sabe, pelo menos uns tres mil francos, com certeza.

Tres mil francos é dinheiro, bem o sabemos. Mas ter artes de arranjar um immortal para duas noites á razão de mil e quinhentos francos por noite, e de mais a mais um immortal no bom estado de conservação em que ainda vimos Richepin, não será realmente saber fazer negocio?

O visconde de S. Luiz de Braga tem todas as ousadias de um Barnum, acrescidas da desinvolta e irresistivel fantasia de um vivo diabo. Porque esta de carrear com um membro authentico da Academia Francêsa para o palco da rua do Theatro Velho, só lembra ao diabo!

Se depois de ter assim entrado em negociações com a immortalidade para a dar em espectáculo publico o visconde dilata a sua audacia e quer ir mais longe, ainda teremos occasião de ver e aplaudir no theatro D. Amelia as mais celebres almas do Outro Mundo, precedidas de algumas palavras de apresentação escriptas pelo sr. Fernando de Lacerca, e ditas, *çã vs sans dire*, pelo corpo do actor Chaby!

JOÃO PRUDÊNCIO.

Jardineira

Vaes te fazer jardineira?
Ha muito sel-o devias.
Pela flor chamam as flores.
Myst'rias sympathias.

Não ha emprego mais lindo,
Não ha moda mais gentil
Para quem vê ir-se abrindo
A existencia em pleno abril.

Para das flores cuidares
Deixas de ser preguiçosa,
Da manhan bebes os ares,
Como os bebe a fresca rosa

E que mal d'ahi te vem?
Menos tempo estar no leito?
Não madruga o amor perfeito
E não madruga a cecem?

Olha a flor que fecha as petalas,
Flor, como tu, de modestia;
Cerra se á noite, e abre logo
Do sol á primeira réstia.

Viverás menos nas salas
Dos candelabros á luz?
Pois muito mais não seduz
O dia com suas galas?

Se o sol não presas brilhante
Que nos dá calor e vida,
Não amas Deus, e perdida
Ser-te ha a cor do semblante,

Que do dia fazer noite,
Que fazer da noite dia,
E' mesmo quasi um peccado,
Tira saúde e alegria.

Aprende co'a natureza;
Das flores ouve a lição:
Hão de guardar-te a belleza,
E talvez o coração.

Nem tu sequer imaginas
O quanto, na convivencia
D'estas obras pequeninas
De Deus, se apura a existencia;

Como se lhes cria amor;
Que amizade se lhes toma;
Como attra'e o seu aroma;
Que encanto ha no seu primor!

Como no mudar continuo
Que te'm a cada momento
Prova o olhar não sei que jubilo,
Se allivia o pensamento.

Faze-te pois jardineira,
Que prazer, saúde, paz
Certamente encontrarás,
Vivendo d'essa maneira.

Já vem perto o mez de Maio;
N'esse mez delicioso
Encurta ao dormir o goso;
Começa do emprego o ensaio.

Parece que já te vejo,
Toda entregue ao teu cuidado,
Ligeiramente vestida,
Com singelo penteado,

Descer os degraus que levam
Ao teu ameno jardim;
Falar ao cravo, ao jasmim,
E ás flores que mais te enlevam.

Oh! como estás, a uma dizes,
Tão formosa e bem medrada!
Que perfume! que matizes!
E ante ella ficas parada.

A outra que n'haste vêes
Languida e meia pendente,
Que tens? porque estás doente?
É sentir sua pena crês.

O muito sol prejudica-te;
Precisas de muito mimo.
Vou regar-te e de ti proximo
Pôr uma canna, um arrimo.

Assim a varias falando
Irás nas bellas manhans,
Como irman por entre irmans,
Das tuas flores tratando.

Outra vida feiticeira,
Bôa, alegre ha como esta?
E' um emprego que é festa.
Faze-te pois jardineira.

1909 — Março, 24

RAMOS COELHO.



PEARY CONTRA COOK?

Permita nos o autor do livro que tem o titulo acima, este pequeno *plagiato*, se é que assim se pôde chamar, utilisarmos do titulo de uma produção alheia.

N'essa obra, reconhecemos uma indecisão da parte do autor, sobre a veracidade dos factos, conservando-se elle na espétativa.

Tambem nós não proclamámos vitória imediata, quando a ciencia declarava a conquista do pólo pelo americano Cook.

Asseverar um facto é bem facil, proval-o, é questão mais difficulosa.

Por mais fantasia que haja, por maior arrojo que se possua para tentar comprovar uma falsidade, sempre um ponto obscuro, por vezes imperceptível, se deixa a descoberto, lançando por terra todo o monumento construido sobre alicerces debeis.

A ciencia, hoje, como as artes e letras chegaram a tal apuro, que se chega a inventar formulas convincentes de factos absurdos.

Esta maldita *arte nova* que tudo tem invadido, não é mais do que um ludibrio das coisas sensatas.

Ha pouco mais de dois mezes, todos citavam o nome de Cook como o de um celebre que conseguira *meter uma laça em Africa*, perdão, *uma bandeira no pólo*. Ainda o facto está bem recente, para que se narre a brilhante recepção de Cook, em Copenhague, sendo proclamado um dos heroes do seculo xx, e eleito membro da Academia das Ciencias d'aquelle paiz. Pois, passado esse curto praso, e examinados os documentos, provou-se á evidencia que o tal Cook não passa de um impostor, como já o tinha sido em 1906, n'outra suposta exploração.

Que os factos se inventem, está na indole do mundo, cheio de orgulho pela sua pessoa, de ambição e de hypocrisia, que elles se julguem verídicos, é que não é admissivel. Tambem o *Tararin* tinha morto milhares de leões, em palavra, mas era capaz de fugir a *sete* pés se visse algum a *sete* leguas de distancia.

Quanto a Peary, a ciencia continua esperando a analyse conscienciosa dos trabalhos apresentados, receosa de o declarar vencedor na campanha, visto ter já cahido em uma armadilha, por signal, bem mal engendrada.

O impostor do seculo xx teve que suportar o vexame de ser riscado de socio das Academias de Copenhague e New-York, como premio de sua audacia; e estamos crentes de que a coragem lhe ha de faltar para ser o instrumento de uma terceira aventura, certamente infructifera, como as duas primeiras.



Os temporaes e innudações em Portugal

Ampliando a noticia que sob esta epigrafe publicámos no ultimo numero, apresentamos hoje mais algumas gravuras das innudações que alagaram tantas terras de Portugal numa verdadeira delação.

Em o numero dessas terras conta-se Chaves, onde o Tamega avolumou tanto as suas aguas que chegou quasi a cobrir a antiga ponte romana, assim como a fertil veiga que apresentou o aspeto de um enorme lago. Os efeitos da cheia estenderam-se tambem aos bairros da Madalena e S. Roque, Campo da Fonte, Caneiro, Caldas e Lougras, sendo as casas invadidas pelas aguas, pondo em risco a vida dos seus habitantes e a das pessoas que procuraram soccorrel-os.

Os bombeiros voluntarios de Chaves prestaram relevantes serviços no salvamento dos inundados,

Os temporaes e inundações em Portugal



A CHEIA DO TAMEGA, NA VILA DE CHAVES

valendo também muito uns barcos que a camara mandou arranjar para aquelle fim.

A Academia Flaviense com o concurso de outras corporações de Chaves, realizou um bando

precatório para acudir aos que mais perderam e ficaram na miséria.

Chaves esteve tres dias sem comunicação com o centro do país, em consequencia de se ter in-

terrompido o serviço do caminho de ferro do Douro.

Ha cerca de trinta annos que houve uma cheia semelhante, mas que não attingiu as proporções da que houve agora.

Outro ponto importante em que as inundações produziram também grandes prejuizos, chegando a haver victimas, foi na Vila da Régua. O Douro cresceu ali enormemente, elevando as suas aguas dois metros acima da cheia de 1860. A parte baixa da povoação ficou toda inundada e muitos habitantes perderam com isso seus haveres, além das victimas que fez em Gouvinhas onde morreram tres pessoas afogadas. A linha ferrea ficou interrompida de Barca de Alva a Mosteiro, sendo destruidas algumas obras de arte.

O aspecto do rio era positivamente desolador.

A formosa villa de Mirandella foi também vitima das inundações. O rio Tua transbordou como não havia memoria, subindo as aguas acima de tres metros, invadindo grande parte da villa onde as casas foram inundadas e entrando na conservatória, salvando-se o arquivo com grande dificuldade assim como o conservador sr. dr. Olimpio e sua familia que ali habitava.

A violencia da corrente destruiu numa extensão de 13 metros a antiga ponte de desantove arcos, a mais notavel construção deste genero conhecida no país, e cuja primitiva é de origem romana.

Os temporaes e inundações em Portugal

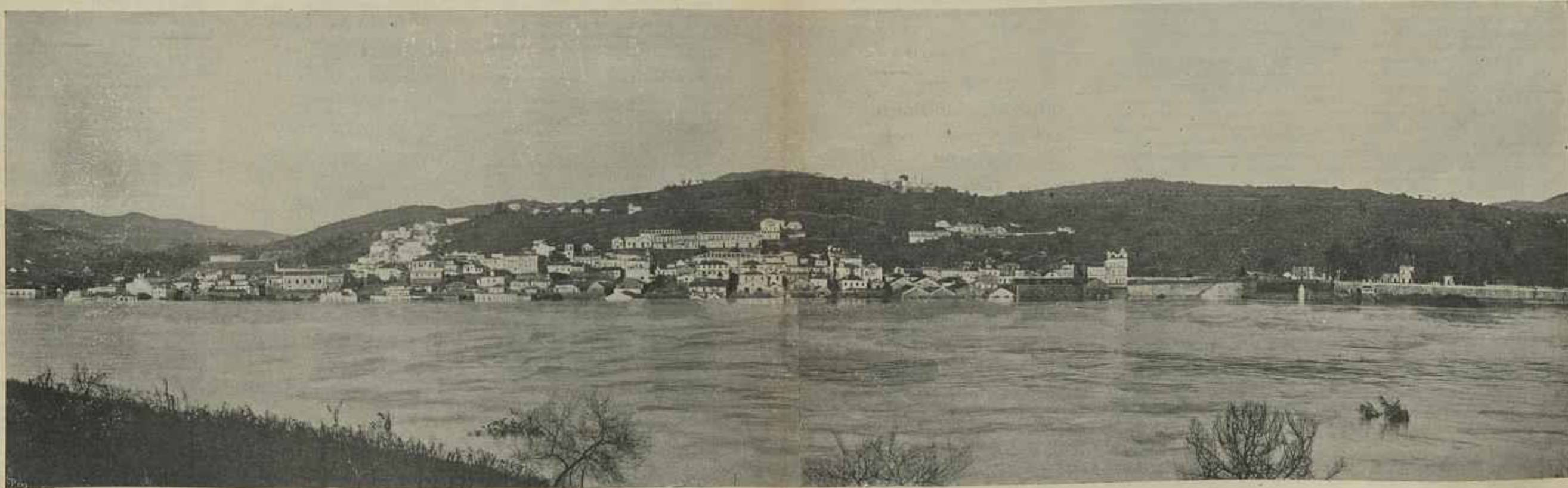


A PONTE DE MIRANDELLA QUE FOI DESTRUIDA EM PARTE PELA CHEIA

Muitas foram ainda as terras atingidas pelos temporaes, como Valpasios, Resende, Castello Novo, Braganca, Figueira de Castelo Rodrigo, Castello de Paiva, Ermenide, Sabugal, Fundão,

Avintes, Lamego, Alijó e quantas mais onde as cheias produziram maiores ou menores estragos, pois de norte a sul foi o país assolado por esta calamidade, principalmente as terras cortadas pelos

rios, que todos mais ou menos transbordaram de seus leitos, arrastando na corrente impetuosa das suas aguas muitas pobres casas, ferramentas agricolas, arvores, plantações, etc.



A CHEIA DO DOURO NA VILA DA RÉGUA (Cliché Gomes Morão)

A casa submarina

POE

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1117)

XIII

A tempestade

Como disse, o doutor Gray havia-nos prometido três dias de completa tranquillidade no bungalow, mas convem explicar como apesar d'isso, tivemos de abandonar a casa na manhã seguinte, e como nos mettemos na empresa mais arriscada que até ali tínhamos affrontado.

Ha um dictado entre marinheiros, que diz: «Quanto maior é a tormenta, mais profundo é o somno» e é certo.

Nem as rabanadas do vento, nem que lhe digam ter chegado o dia de juizo final, o marinheiro deixa de dormir as suas quatro horas muito soçagadamente.

Mas na ilha de Ken as coisas corriam d'outra maneira, e dois individuos, pelo menos, não souberam o que era somno aquella noite.

Dei mais de mil voltas na cama, e a todas ellas, via o doutor Gray sempre occupado deante do forninho, analysando os seus ingredientes, e ouvia Peter Bligh roncando de tal maneira, que parecia querer com a vibração, fazer estalar os vidros das janellas.

Por fim o somno veio lentamente, e comecei a sonhar com a ilha e com as coisas extraordinarias que me tinham succedido desde a primeira vez que puzera pé em terra.

Muitas visões me appareceram em sonhos, sendo uma, a figura celestial de Ruth, que eu via animosa e paciente nos jardins do bungalow.

As palavras que me segredara, «Jaspe, por Deus! volte depressa», resoavam-me aos ouvidos continuamente, como um murmuro do mar.

Algumas vezes, como acontece em sonhos, o quadro parecia composto de varias sombras, outras via-me no alto mar, outras n'um porto inglez, outras na ilha, perto da pequena enseada onde desembarcámos.

Recordo-me, sobretudo que, em sonhos, cheguei até á borda do mar, com a minha mão entre as de Ruth; em sonhos vi uma grande tempestade, com grandes nuvens negras, cor de tinta, os raios fuzilando por sobre os recifes, rasgando o céu medonhamente, e o mar a crescer... a crescer... com tanta força, que parecia querer-nos tragar.

Por fim, a luz do dia, veio despertar-me, enchendo a habitação com a sua cor pallida, e pude vêr então o doutor Gray postado deante da janella espreitando para fóra.

— E' verdade, — disse elle como respondendo a alguma pergunta que eu lhe fizesse, — temos tormenta e não tarda muito.

— Deveras?! — exclamei. — Pois estava agora mesmo sonhando com ella! Naturalmente ouvi em sonhos os trovões.

Descerrou a cortina para mostrar-me o céu cheio de nuvens e que denotavam a tempestade. O ar dentro do quarto era tão pesado como o de um calabouço.

Nos jardins do bungalow a luz amarellenta da aurora, recordava-me o céu de Londres em dias de neve.

Não se distinguíam bem as arvores nem arbustos mas, de vez em quando, o céu rasgava-se, e então chegava até nós um raio do sol nascente. Depois as nuvens uniam-se de novo e o sol desaparecia.

— Vamos ter uma grande tempestade — disse o doutor. — Que me diz a isto, capitão? Não lhe parece provavel que venha vento?

— Talvez. E o vento dessipará o nevoeiro. E' de crêr que assim succeda. Dentro em pouco poderemos respirar livremente e ir para onde quizermos. Só de o pensar, parece que rejuvenesço.

— Sim, são boas novas, são — retorquiu, e poz umas achasitas na chaminé começando a atear o fogo.

Os meus companheiros dormiam ainda profundamente. Dally Venn murmurava um nome que me pareceu ter já ouvido e, na verdade, o pobre moço sonhava com Rosamunda.

O doutor Gray estava tão occupado, como o pôde estar uma cosinheira pela manhã, a tratar do almoço.

— Sim, — continuou elle depois de um momento de silencio. — Creio que dentro em pouco, terá passado a época do somno. Que diz, capitão?

Eu estava sentado n'uma cadeira olhando-o attentamente.

— Que digo!... Que vae succeder qualquer coisa notavel e que se vão realisar os nossos prognosticos.

O doutor soprou o fogo, e poz-se a contemplar como as chamas subiam pela chaminé.

O fogo alegre sempre, e a mim bastante me animou vel-o n'aquella occasião.

— Czerny dispõe de mais de cem homens, — disse depois de reflexionar um momento — e somos quatro, e um que fazem cinco: cinco certos.

Era a primeira vez que elle dizia qualquer coisa, por onde se pudesse deduzir de que lado estariam as suas sympathias. Amigo ou inimigo, o occorrido anteriormente não me demonstrava claramente para que lado se inclinava.

Sube depois que conhecera Kenrich Bellen den na Philadelphia, e julgo que gostou immenso de ter aquelles quatro companheiros na ilha de Ken.

— Por essas palavras parece querer dizer que será dos nossos — repliquei. — Pois creia que não me podia dar noticia mais agradável, doutor. Já sabe porque viemos e tambem porque continuamos aqui. Para madame Czerny é de grande importancia contar com um amigo como o doutor. O que cinco homens puderem fazer nesta maldita ilha, o faremos, esteja seguro; e alegre-me bastante saber que está da nossa parte.

Eu falava com toda a franqueza, mas o doutor Gray era pouco communicativo e rara vez respondia ao que se lhe perguntava.

N'esta occasião, lembro-me que continuou com os seus trabalhos durante uns minutos, antes que falasse. O café fervia na cafeteira, e o doutor sentou-se no braço da minha cadeira, perguntando-me de repente:

— O capitão sabe qual foi o motivo que me trouxe a esta ilha?

— Supponho. Naturalmente o desejo de saber a verdade sobre a tal época do somno, não?

Riu-se d'uma maneira particular, o que queria dizer muito.

— Não, meu amigo! Isso para mim não vale um cigarro. Vim para fazer um reclamo, e a ilha de Ken e os seus segredos, podem-me servir para elle ás mil maravilhas. Quando voltar a New York, toda a gente dirá: «E' o especialista doutor Gray, que escreveu aquelles livros sobre narcoticos e seus empregos.»

«Virão então vêr-me, porque os jornaes hão

de falar bastante de mim. Nós, os medicos, ou temos de fazer reclamos, ou morreremos de fome. Nós temos em que vivemos, se quizermos subir ás culminancias da fama, temos que correr mil perigos. Os que estou correndo com Czerny, são excellentes.»

Esta franqueza do Gray mais avivou a minha sympathia.

Deixei-o portanto continuar.

— A sorte ajudou-me um pouco — proseguí — porque tropecei em S. Francisco com o capitão do yacht de Czerny, que era homem com uma lingua um tanto desembaraçada. Não ha nada mais perigoso do que um homem falador. O capitão disse-me que seu amo fóra a primeira pessoa que tinha posto pé na ilha de Ken. Ora eu sabia que isto não era verdade. Cem annos antes, um tal Jacob Hoyt, hollandez, tinha sido abandonado na ilha e viveu o sufficiente para contar a sua historia. O que elle escreveu encontrava se archivado na bibliotheca de Washington, e já tive a felicidade de ler.

O doutor ao dizer isto sorria, cheio de satisfação, como homem que possui um segredo que hade valer-lhe muito. Na occasião não o comprehendí bem, mas vi isso mais tarde, como direi depois.

— Sim — concluiu — Edmundo Czerny tem as cartas na mão, mas eu posso-lhe ganhar a partida. E' homem esperto e decidido. Veremos qual de nós dois será mais habil. Dentro em pouco começaremos o jogo, capitão Begg. A época do somno está a finalizar.

Ainda bem não acabára de dizer isto, des encadeou se uma grande tempestade, e um trovão medonho ribombou n'aquelle momento, parecendo confirmar as palavras do doutor.

Desejava fazer-lhe bastantes perguntas; sobretudo interessava-me saber como conseguira induzir Czerny a que o trouxesse á ilha; de mais a Czerny não lhe convinha deixar na America um homem que sabia tanto como elle sobre a ilha de Ken.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro 1909

Barometro. — Max. altura 773^{mm},2 em 9.

Min. " 745^{mm},8 em 22.

Termometro. — Max. altura 17[°],7 em 21.

Min. " 6[°],6 em 10.

A notar, a alta temperatura que se manteve de 16 a 25, com maximas sempre superiores a 15°. A minima observada em 21 (15[°],8) é a mais elevada que se conhece neste dia. Chuva, 148^{mm},4 em 19 dias, havendo chuvas importantes em todo o mez.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 5 dias.

Nublado 20 dias.

Encoberto 6 dias.

Trovões, relampagos e granizo — Em 22 e 23.

Resumo do anno

Temperaturas extremas — 34[°],6 (julho).

" 2[°],6 (janeiro).

Chuva — 696^{mm},6 em 119 dias.

Nebulosidade — Céu limpo ou pouco nublado 162 dias.

Nublado 166 dias.

Encoberto 27 dias.

Nevoeiro — 21 dias.

Relampagos — 8 dias.

Trovões. — 8 dias.

Trovoada. — 3 dias.

Granizo — 5 dias.

BRITO ARANHA

Contos e Narrativas

A' tão estimavel e applaudivel «Collecção Antonio Maria Pereira» entraram com o seu n.º e vol. 72 *Contos e Narrativas* do sr. Brito Aranha, o incansavel e incançado escriptor a quem uma já longa, ininterrupta e aturada vida de trabalho não tem quebrado e nem sequer entibiado as forças, pois que continúa na liça da imprensa, lançando incessantemente ao mercado literario novos livros ou renovando para elle obras antigas, e isto por fórma e modo a bem testemunhar que em pleno vigor, sem desfalecimento nem diminuição, todas as suas faculdades operosas continuam em plena e suggestante actividade.

Com isso devemos folgar todos os que maior ou menor culto votam á litteratura patria, por haverem como certo que a penna que ha perto de 60 annos se a tarefa, sempre em escala progressiva, por lhe devotar toda a sua virtualidade, continuará a enriquecer-a com novos e proficuos productos.

Nove são os contos e narrativas entrados ao tomo sobre que venho pedir á illustrada direcção do OCCIDENTE licença para fazer registo em suas columnas, sendo os oito primeiros originaes, e o ultimo traduzido de D. Antonio Trueba, o immortal contista, uma das glorias mais radiantes e mais puras da Espanha, de cuja obra o sr. Brito Aranha foi um dos primeiros vulgarisadores no nosso paiz.

Chegado a annos já muito e tão avançados pelo numero quão minguidos pelos fructos d'elles colhidos, não me sofrem muitas vezes o animo e a paciencia e o desengano dos homens e das cousas, que a fim leve livro vindo dês pouco á luz, cuja leitura encete mais para me ter ao corrente da litteratura hodierna do que para n'elle esperar encontrar distração ou ensinamento proveitosos, e para que aconteça o acompanhá-lo em todas as suas paginas até a ultima, é-me indispensavel que sua leitura me enleie e prenda desde as primeiras paginas volvidas, e não se desluxe em seu seguimento.

Pois, na verdade, isto me aconteceu com os *Contos e Narrativas* cujas folhas começadas a volver, como que por descargo de consciencia, me foram por tal maneira e sempre a mais vencendo a inercia da vontade e enlevando o animo, que de uma assentada com alheamento completo da dorrea quasi usual e sésta de sobre o jantar, o levei até final.

Se muito interessante a narrativa *Ca ebres do Loreto*, com que o volume abre, e educativa e incitadora de boas accções, não menos e em muito mais sulido gráu, sob os mesmos aspectos, o é a *Bom exemplo*, e ambas ellas tão vividas, que não ousou eu pôr a menor contestação á afirmativa que o autor faz de mais não haver sido do que historiador de factos succedidos.

A narração *Só* pertence a genero totalmente diverso d'essas duas, e deixa de si o desconsolo resultante da perversão d'animo a que a vida da sociedade entre nós, tal como geralmente constituída, afagando e atendendo só os prazeres da *bête*, pôde desvirtuar uma mulher que a natureza parecia ter bem fadado.

Paulo Veronez e a Inquisição é um episodio interessante da vida do eximio e fecundissimo pintor que tanto illustrou não só sua patria Verona, e a Italia, como a historia inteira da Arte.

Em Leiria e em Coimbra são folhas arrancadas das recordações e memorias que na reminiscencia do auctor ficaram registadas dos tempos, ha tanto idos, que passára nas duas cidades, invocando d'ellas os nomes tão queridos de D. Antonio da Costa e de Xavier Rodrigues Cordeiro, duas das figuras mais luminosas da litteratura portuguesa na segunda metade do seculo xix, tão pouco lembradas hoje em dia para o muito que

valeram e continuarão a valer nos cimios mais levantados d'aquella.

Charlatão são paginas curiosissimas de que se destaca a figura grotesca, mas que tanto de si deu que falar, do Barão de Catanea, e a figura excentrica mas curiosissima do afamado medico Brillante.

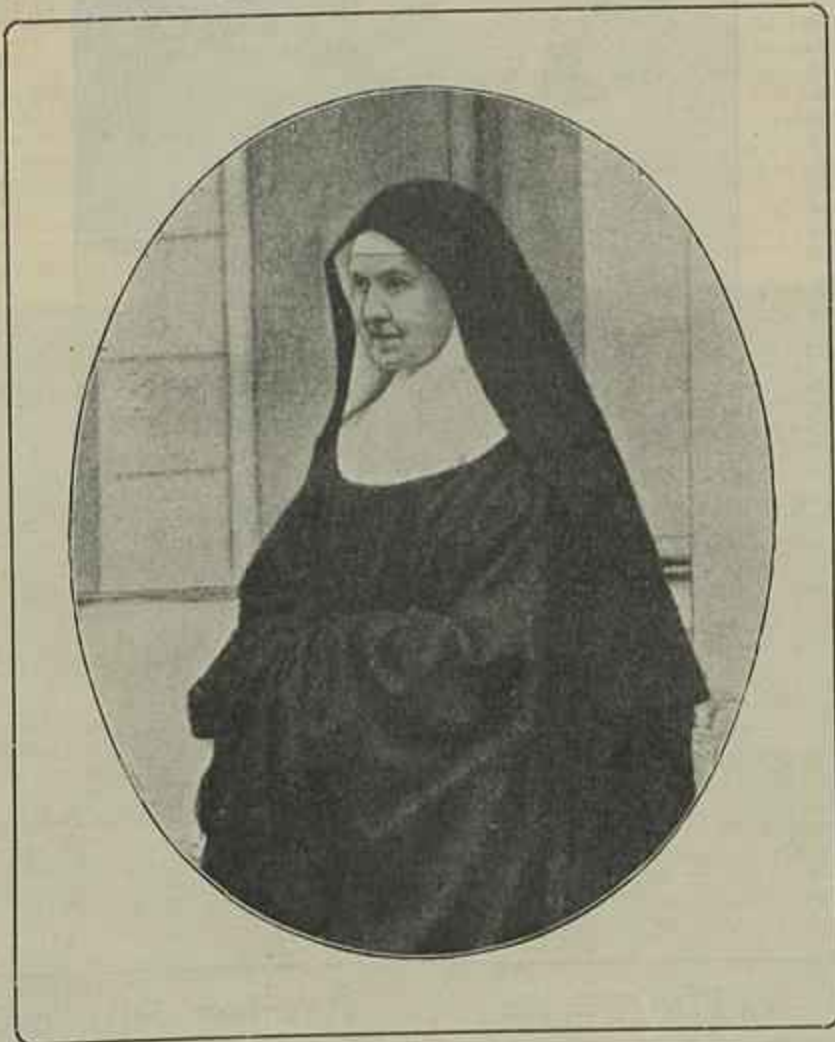
Novidades do seculo XVIII é artigo de comparação e cotejamento interessantissimo entre o jornalismo periodico d'esse seculo com o da actualidade no que especialmente respeita ao noticiario e annuncios.

O estilo e o homem, com que o volume termina, é um delicioso conto de Truebra, o escriptor sem emulo e sem successor no genero.

Um estreito aperto de mão ao sr. Brito Aranha pelo seu primoroso livro.

Lisboa, 27 de dezembro de 1909.

RODRIGO VELLOSO.



SOROR ADELAIDE DE BRAGANÇA

Morte da viuva de D. Miguel I

SOROR ADELAIDE DE BRAGANÇA

No vasto templo da Graça celebraram-se hontem sollemnes exequias por alma de Soror Adelaide de Bragança, virtuosa viuva de D. Miguel I de Portugal, que a precedeu no tumulo ha quarenta e tres annos. Essas exequias, mandadas celebrar pelo partido legitimista, devem interessar a todos os portuguezes porque a illustre extinta não só foi a companheira carinhosa de um portuguez proscrito, que na patria deixava ramificações da sua estirpe real, como ainda tinha pelos filhos desta terra grande afeição manifestada e comprovada em actos da sua vida, como, por exemplo, quando a comissão legitimista foi a Alemanha apresentar-lhe as condolencias pela morte de seu marido, a sr.ª D. Adelaide de Bragança se exprimiu nestes termos: «Aqui está meu filho a quem todos os dias digo que primeiro do que tudo seja um verdadeiro catolico e logo depois tão portuguez como foi seu pae, e que todos os sacrificios que faça por Portugal, onde só deve ver portuguezes, são poucos para pagar os heroicos sacrificios prestados a seu pae e aquelles que elle já deve aos portuguezes.»

A sr.ª D. Adelaide de Bragança, sem nunca ter vindo a Portugal, manifestou sempre, é certo, grande interesse pelas coisas deste país, e cultivava a lingua portuguesa com extrema correção. Se estes predicados recomendam a illustre senhora á consideração dos portuguezes, outros ainda de mais subido valor se impõem, quaes o de suas grandes virtudes de esposa, mãe, viuva e educadora de seus filhos, virtudes no mais elevado grau cristão, que lhe dão um destaque muito singular.

Prestar homenagem á illustre extinta é prestar homenagem ao conjunto de virtudes cristãs que se reuniam nesta nobre senhora.

E' breve a sua biographia mas elevada em todos os seus actos.

D. Adelaide Sofia de Bragança, princesa de Loewenstein Westheim Rosenberg, nasceu em 1831, e casou em 24 de setembro de 1851 com D. Miguel I, rei proscrito de Portugal, que no exilio teve a fortuna de encontrar uma companheira dedicada e amavel para o animar nas desventuradas horas, em que as saudades da patria lhe encheriam o coração de tristeza. Teve mais do que isso na nobre senhora que quiz partilhar da sua sorte, e foi uma mãe desvelada e educadora, para o que lhe não faltava intelligencia e illustração, a par de um espirito formado de todos os ideaes cristãos, com toda a resignação e conformidade que Deus manda ter, e com que se faz igual semblante á fortuna ou á adversidade.

Não poucos seriam os dias de amargura no lar em que ella era o anjo consolador e por que o era não hesitou em se unir ao rei proscrito, que pouco mais lhe podia dar que seu amor.

Desse amor nasceu a numerosa progene de sete filhos: D. Miguel, casado em segundas nupcias com sua prima a princesa D. Maria Tereza de Loewenstein; D. Maria das Neves, que casou com D. Afonso de Bourbon; D. Maria Tereza, agora viuva do arquiduque Carlos Luis, herdeiro presuntivo do trono de Austria-Hungria; D. Maria José, que ha pouco enviuvou do principe Carlos Teodoro, duque da Baviera; D. Maria Anna, gran duquesa de Luxemburgo; D. Maria Antonia, que foi casado com o principe Roberto de Bourbon, duque de Parma.

D. Adelaide de Bragança ficou viuva em 1866, com trinta e cinco annos de idade e com estes sete filhos, dos quaes o mais velho tinha apenas 13 annos.

Poucos eram os recursos de que dispunha, mas com elles custeou a educação de seus filhos de que foi a mais estremosa das mães, conseguindo vel-os todos casados, ramificando assim mais e mais a arvore dos Braganças, nas casas reinantes da Europa.

Foi tarefa trabalhosa em que empregou os annos mais virentes de sua vida, e quando concluiu a obra que tinha a fazer, foi entregar-se a Deus na clausura de um convento, como quem para Deus só queria agora viver depois de mais não ter a cumprir no mundo.

D. Adelaide Sofia de Bragança professou no convento da ordem beneditina de Solesmes em 13 de junho de 1897, e quando em França foram abolidas as ordens religiosas, passou ao convento de Santa Cecilia, de Ryde, da ilha de Wight, na Inglaterra, onde faleceu em 16 de dezembro findo, no meio de seus filhos, que todos vieram acerrar-se-lhe do leito, á excepção de D. Miguel, que se encontrava viajando no Oriente, assistindo, porém, aos ultimos momentos seu neto D. Miguel, duque de Vizeu, e frei Raimundo, dominicano, principe Carlos de Loewenstein, irmão da nobre senhora, que, tendo enviuvado ha pouco, se recolheu tambem á clausura do mesmo convento.

Além dos filhos já mencionados, a virtuosa senhora deixa 34 netos e 9 bisnetos. Uma de suas netas é hoje rainha da Belgica, casada com o novo rei Carlos. Outra é casada com o herdeiro do trono da Baviera e futura rainha daquella nação.

As exequias revestiram grande imponencia não só pela grandiosidade do templo em que fo-

